

Bendilla

bonecas autorais



Benditta - O universo feminino sob a perspectiva de uma bonequeira brasileira



Maria Zi

A Benditta é uma boneca confeccionada em tecido de algodão com braços e pernas móveis, rosto bordado e esculpido à mão, preenchida com fibra siliconada.

Em geral elas se apresentam sentadas e medem entre 50 e 60 cm. Talvez fosse mais adequado defini-las como mulheres de pano, considerando o compromisso de sua criadora em retratar o universo feminino de maneira cada vez mais detalhada e abrangente, enfatizando que toda mulher expressa a beleza de uma forma única e peculiar.

Maria Zi, conhecida como “A parteira das Bendittas”, começou a criar suas primeiras peças em 2007.

Ela abraça em seu ofício o compromisso de manter viva a tradição das bonecas de pano brasileiras, apoiada em um legado familiar relevante, além de muita pesquisa. Desde criança, ela conviveu com as práticas artesanais clássicas, filha de um alfaiate e uma costureira, com quem aprendeu diversas habilidades manuais. Entretanto, em seu processo criativo ela vai além.

A artista cria e confecciona suas bonecas como quem conta histórias, agregando pesquisa e meditação, com o propósito de que suas peças sejam tais como sementes, levando adiante valores positivos.

Benditta - O universo feminino sob a perspectiva de uma bonequeira brasileira

A partir disso, foram criadas Benditta Felicidade, Benditta Solidariedade, Benditta Diversidade, Benditta Saúde, etc, compondo uma sequência tão infinita de temas quanto a imaginação permitir. E, embora esses temas possam se repetir, as bonecas são peças únicas, colecionáveis. Um outro segmento desse trabalho são as peças ligadas à iconografia brasileira, refletindo diversos aspectos da cultura do país, como a sua música, o folclore, os povos indígenas, etc. Atualmente, Maria Zi vem assumindo um enfoque mais autoral, sempre ancorado na reflexão em torno das questões femininas.

O atelier localizado na SCLN 213, em Brasília, é espaço destinado à criação e produção das peças, além de abrigar iniciativas de repasse das técnicas artesanais nos momentos de “Tessitura de Saberes”, e sediar encontros de outras manifestações artísticas, como música e literatura.

O respeito ao ambiente é outro valor cultivado na criação das Bendittas. O atelier pratica o comércio justo e não utiliza produtos de origem animal, com exceção da lã. É também opção de Maria Zi o estabelecimento de parcerias com outros artesãos, agregando em suas bonecas insumos trabalhados artesanalmente, assim como promovendo a cooperação junto às pequenas empresas do setor têxtil local, visando o aproveitamento de tecidos.

Valores Positivos



Benditta Beleza



Benditta Sensibilidade



Benditta Nutrição

Iconografia



A Candanga



Marianja da Paz



Benditta Presença Ashaninka

Reflexões Cotidianas



Tempos Modernos



Acorda, Pátria!



Renascença

Universo Mágico



Mamãe Dragão



A Inesperada



Benditta fada da Alegria

Biografias Inspiradoras



Benditta Presença de Chanel, Mary e Vivienne



Benditta Presença de Aqualtune



Benditta Presença de Frida

As Especialistas



A Escultora de Nuvens



A Maestrina de Sabiás



A semeadora de Chuva

A fé



Benditta Nanã



Benditta Atitude



Yemanjá

Diversão



V.I.Z.I.N.H.O.S



Objeto Cênico



Santtas do sagrado cotidiano

Certidão de Nascimento

Cada Benditta deixa o atelier da artista acompanhada de uma certidão de nascimento, que comprova a origem do objeto, de forma poética



Certidão de Nascimento

Certificamos que na data de / /

nasceu a Benditta.....

de.....

Maria Zi
Bendito Cartório de Registro de Maravilhas
Que este documento seja visto com os olhos do bem,
do amor e da dignidade.

www.benditta.com.br

MEMÓRIA CARTÓRIO DE REGISTRO DE MARAVILHAS
BRASÍLIA - BRASIL

Eventos em que participou



Salão Internacional do
Artesanato Brasília 2011



Salão Mãos de Minas 2011



Casa Cor Brasília 2012



Tessitura de Saberes 2012

Eventos em que participou



Salão Internacional do Artesanato Brasília 2012



Salão Internacional do Artesanato Brasília 2013



Brasil Original Aeroporto de Brasília 2013

Eventos em que participou



Lançamento do Livro “Que Boneca é essa?” Museu da República – Brasília 2013



Casa Cor Brasília 2013



Feira de Artes e Antiquidades do Casa Park 2013

Eventos em que participou



Brasil Original Park Shopping 2014



Casa Cor Brasília 2014



Feira de Artes e Antiquidades do Casa Park 2014

Eventos em que participou



Brasil Original Park Shopping 2015



São Paulo Fashion Week 2015



Feira de Artes e Antiquidades do Casa Park 2015

Eventos em que participou



1a. Feira Brasil Original São Paulo 2016



Bienal de Literatura de São Paulo 2016

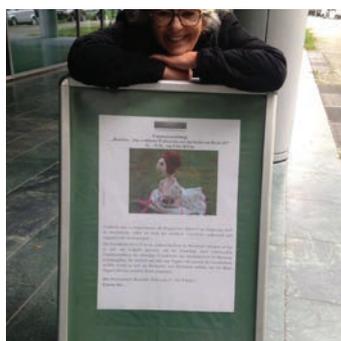


Projeto “Tecendo o Amanhã” MPDFT 2016

Eventos em que participou



Projeto “Tecendo o Amanhã” MPDFT
2017



Exposição Individual “Benditta
O Universo feminino sob a
perspectiva de uma bonequeira
brasileira” na Embaixada Brasileira
em Berlim, Alemanha, de 07 a 22 de
setembro de 2017



Palestrando na “Semana Benvindos –
Sebrae DF 2017

Mídias

Livro conta história sobre as tradicionais bonecas de pano artesanais

bonecas de pano, 'bruxas', brinquedos de criança pobre, indústria doméstica precária e tradicional no Brasil são documentos expressivos da arte popular", disse Câmara Cascudo no Dicionário do Folclore Brasileiro (1969) — uma das poucas referências que a pesquisadora Macao Goés e a fotógrafa Graça Seligman encontraram sobre as tradicionais bonecas que fizeram parte da infância de muitas crianças, especialmente nas décadas de 1940 e 1950, no Brasil.

A profunda pesquisa de campo, no entanto, foca-se no trabalho das artesãs, consideradas mestras brasileiras do corte e recorte. "Para alguns, são apenas um monte de retalhos, farrapos e trapos insignificantes que poderiam ficar jogados em qualquer canto da casa. Poderiam. Mas não para essas mulheres com sensibilidade e mãos mágicas de artesãs. Senhoras que se debruçam em suas máquinas de costura e colocam alma em panos surrados. (...) Quase milagre criados pelas mestras bonequeiras que, ainda na infância humilde, aprenderam a fazer seus próprios brinquedos", contam as autoras na apresentação do livro *Que boneca é essa?*, fruto das pesquisas de Macao e Graça. As duas conheceram mulheres de 50 a 90 anos que encontraram na agulha, na linha e nos retalhos os instrumentos para gerar renda, além do prazer de reencontrar a infância.

Macao publica trabalhos sobre cultura popular desde 1979 e, ainda no Rio Grande do Sul — terra natal da autora —, começou a desenvolver paixão por brinquedos populares. Após ganhar bolsa de estudos no México, começou a montar vasta coleção. "A boneca é o brinquedo ícone de toda criança, e nem existe mais essa questão de gênero. Comecei a pesquisar, vim para Brasília e ganhei bolsa de estudos no México. É uma coleção Brasília e ganhei bolsa de estudos no México. É uma coleção belíssima, um acervo fantástico. Tentei parcerias em vários espaços e não consegui. Mas um dia o Dragão do Mar (Centro Cultural em Fortaleza) ficou com o acervo. Era o meu sonho que a comunidade tivesse acesso. Minha coleção estava muito completa, desde a mais simples à mais gigantesca", descreve.

A autora explica que a boneca evoluiu tanto no que diz respeito ao modo de produção quanto ao produto. Para pesquisar a origem da peça como brinquedo, Macao foi ao México. "Lá encontrei as Lupitas (referência à Nossa Senhora de Guadalupe), que estão desaparecendo". A história dos brinquedos na América Latina, aliás, tem origem na cultura da Península Ibérica, segundo a pesquisadora.

"Há uma grande variedade de bonecas, com raízes da cultura espanhola e indígena", completa.

O que marca a identidade das bonecas de pano como um brinquedo popular é a riqueza de vida transmitida por gerações. Macao conta que aprendeu com as mestras bonequeiras a generosidade em ensinar, sobretudo. "São descobertas do fazer a cultura local e da grande generosidade de ensinar o que elas sabem sem cobrar nada, além da curiosidade. Elas não copiam, inventam. É uma riqueza de vida, um encontro com o tempo."

A arte em Brasília

A artesã Maria Amaziles, de 55 anos, aprendeu com a mãe a arte de fazer bonecas e considera Brasília uma fonte adequada ao processo criativo. Maria criou a marca Benditta, que reúne pequenas obras de arte feitas de pano. Entre as peças, algumas representam a capital federal. Ela criou a família candanga — inspirada nas fotos do Arquivo Público —, uma bordadeira de Planaltina, uma colhedora de flores do cerrado, as Marianjas inspiradas nos anjos de Ceschiatti e a Sinhá Laiá — do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro. "Eu me considero a parteira das Bendittas, pois me sinto uma parte de um processo maior desta sementeira.

Duas perguntas para Maria Amaziles, artesã de Brasília

Como foi seu primeiro contato com as bonecas e como funciona essa relação de tradição da arte de fazer bonecas em sua família?

Na verdade, as artes manuais têm grande destaque na minha família, como é tradição em Minas Gerais. Aprendi diversas habilidades manuais com minha mãe, que aprendeu com minha avó, tais como tricô, croché, bordado, etc. Nunca havia feito bonecas antes e o meu interesse foi despertado a partir da ocasião em que confeccionei 13 bonecas para trabalhar o mito navajo das Mães das Treze Lunações, com um grupo de mulheres em Pirenópolis. Depois de um tempo, a decisão de criar as Bendittas nasceu da minha necessidade de semear coisas boas à minha volta, ao tempo em que posso honrar o legado recebido das matriarcas de minha família.

O que te inspira a fazer bonecas? Brasília te traz inspiração (de que modo)?

Mídias

Talvez a palavra inspiração não seja adequada ao meu processo de criação. Eu digo mesmo é que tenho fome de fazer bonecas. A primeira motivação, como eu disse, é de certa forma devocional, uma vontade sincera de semear coisas boas à minha volta. Cada Benditta é construída a partir de um tema da vida, como Alegria, Prosperidade, Saúde, etc. Assim, quando uma Benditta escolhe a sua dona, leva adiante a lembrança da capacidade que todos temos de gerar essa riqueza à nossa volta.

Por outro lado, Brasília é uma fonte rica de inspiração, também. Sou profundamente grata pela forma com que fui acolhida aqui. Assim sendo, procuro trazer seus personagens para o contexto das Bendittas, uma forma de retribuir a hospitalidade e também de me sentir fazendo parte deste contexto. Fazem parte desse trabalho iconográfico a família candanga, inspirada nas fotos do Arquivo Nacional, uma bordadeira de Planaltina, uma colhedora de flores do cerrado, as Marianjas inspiradas nos anjos de Ceschiatti e a Sinhá Laiá, do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro.

LIVRO

Mestras do corte e recorte

de VANESSA AQUINO

"As bonecas de pano, bruxas, brinquedos de criança pobre, incensária e tradicional no Brasil são documentos expressivos da arte popular", disse Câmara Cascudo no *Diário de Notícias* em 1969 — uma das poucas referências que a pesquisadora Macaco Goês e a fotógrafa Graça Seligman encontraram sobre as tradicionais bonecas que fizeram parte da infância de muitas crianças, especialmente nas décadas de 1940 e 1950, no Brasil.

A profunda pesquisa de campo, no entanto, foca-se no trabalho das artesãs, e em todas as mestras brasileiras do corte e recorte. "Para algumas, são apenas um monte de retalhos, farrapos e trapos insignificantes que pod-



QUE BONECA É ESSA?
De Macaco Goês e Graça Seligman. Instituto Terceiro Setor, 280 páginas. R\$ 50.

riam ficar jogados em qualquer canto da casa, podriam. Mas não para essas mulheres com sensibilidade e mãos mágicas de artesãs. Senhoritas que se debatem em suas máquinas de costura e coloram alma em panos surrados. [...] Quase milagre criados pelas mestras bonequeiras que, ainda na infância humilde, aprendem a

fazer seus próprios brinquedos", contam as autoras na apresentação do livro *Que boneca é essa?*, fruto das pesquisas de Macaco e Graça. As duas conheceram mulheres de 50 a 80 anos que encontram na agulha, na linha e nos retalhos os instrumentos para gerar vida, além do prazer de relembrar a infância.

Macaco publica trabalhos sobre cultura popular desde 1979 e, ainda no Rio Grande do Sul — terra natal da autora —, começou a desenvolver paixão por brinquedos populares. Após ganhar bolsa de estudos no México, começou a montar sua coleção. "A boneca é o brinquedo ícone de toda criança, e nem existe mais essa questão de gênero. Comecei a pesquisa de estudos no México. É uma coleção belíssima, um acervo fantástico. Terrei parcerias em vários

espaços e não consigo. Mas um dia o Dragão do Mar (Centro Cultural em Fortaleza) ficou com o acervo. Era o meu sonho que a comunidade tivesse acesso. Minha coleção estava muito completa, desde a mais simples à mais gigantesca", descreve.

A autora explica que a boneca evoluiu tanto no que diz respeito ao modo de produção quanto ao produto. Para pesquisar a origem da peça como brinquedo, Macaco foi ao México. "Lá encontrei as Lapitzas (referência à Nossa Senhora de Guadalupe, que estão desaparecendo). A história dos brinquedos na América Latina, aliás, tem origem na cultura da Península Ibérica, segundo a pesquisadora. "Há uma grande variedade de bonecas, com raízes da cultura espanhola e indígena", completa.

Quê marca a identidade das bonecas de pano como um brinquedo popular é a riqueza de tradições transmitida por gerações. Macaco conta que aprendeu com as mestras bonequeiras a generoso-

ção | reportagem | 2013/11



Família candanga com mães: bonecos de Maria Amázelis

idade em ensinar, sobretudo. "São descobertas do fazer a cultura local e da grande generosidade de ensinar o que elas sabem sem cobrar nada, além da curiosidade. Elas não copiam, inventam. É uma riqueza de vida, um exercício com o tempo."

A arte em Brasília

A artista Maria Amázelis, de 55 anos, aprendeu com a mãe a arte de fazer bonecas e considera Brasília uma fonte adequada ao processo criativo. Maria criou a família candanga — inspirada nas fotos do Arquivo Público —, uma bordadeira de Planaltina, uma colhedora de flores do cerrado, as Marianjas inspiradas nos anjos de Ceschiatti e a Sinhá Laiá — do grupo Seu Estrelo e o Fuá do Terreiro. "Eu me considero a parteira das Bendittas, pois sinto uma parte de um processo maior desta semeadura."

www.correiobraziliense.com.br

Uma entrevista com Maria Amázelis

Mídias

Bonequinhos brasileiros

Elas surgiram após a vitória sobre um câncer devastador, durante uma conversa entre Maria Zi e a filha, a agora inventora de personagens de pano descobriu uma nova vida, que colocar em prática com a costura

Havia uma mulher, que embora cuidasse da casa, das quatro filhas e dos dois enteados, da profissão, transportava uma eterna, funda e silenciosa tristeza, vinda não sabia de onde, não sabia por quê. Mesmo tendo vencido um câncer devastador e diagnosticado como incurável, a mulher continuava conduzindo o rui profundo da melancolia. Até que um dia – daqueles que oferecem redenção a quem sabe ouvir -, Maria Zi encontrou, sem ainda saber, o modo como desaguaria essa muda desventura.

Foi num congestionamento improvável, na pequena e mística Abadiânia. Dois homens discutiam raivosamente por conta de uma pequena colisão. Maria Zi estava com sua filha Maria Augusta, e ela aproveitou a cena para fazer uma preleção maternal: “Achando que eu estava arrasando na minha aula, disse a ela que aqueles dois estavam semeando cocó”. A filha fez então a provocação que mudaria a vida de Maria Zi: “É você, semeia o quê, mãe?”

Ainda paradas no congestionamento, a menina continuou a preleção filial: “Você é muito jovem, mãe, para ficar sem produzir nada”. (Maria Zi havia se aposentado por conta do câncer). Provocação feita, provocação aceita. Mineira de Diamantina, filha de uma costureira e modista (Dona Sinhá) e de um alfaiate, Maria Amaziles habitava um jardim de linhas, agulhas, tesouras, alfinetes, dedais, moldes, tecinhos, alinhavos e da cantoria feliz das máquinas de costura.

Havia um lugar de onde partir, e Maria Amaziles começou a fazer bonecas de pano para dar de presente. Mas poucos sabia da arte de transformar tecidos linhas e enchimento em representações lúdicas do ser humano. Começou do zero, pesquisando. Descobriu que as bonecas acompanharam a humanidade desde os tempos babilônicos – muitas foram encontradas em túmulos de crianças. Os historiadores conjecturam: em brinquedos ou objetos mágicos. (Ou seriam brinquedos mágicos?). Quando descobriu que na realeza francesa era de bom tom produzir bonecas inspiradas nos personagens de Versalhes,

Maria Zi começou a “imaginar como seria a criação de objetos colecionáveis, destinados a adultos, e que destacassem a beleza da mulher de qualquer raça ou idade.”

A filha podia se dar por feliz: a mão começava a semear... bonecas. Procurou a modelagem ao seu gosto, pesquisou a anatomia, sempre “somando experiências pessoais a padrões que encontrava nos livros”. Nasceram, assim as Bendittas, com dois Ts. “O propósito que sustenta o meu trabalho é, sem dúvida o devocional”. Diz, no que se revela uma religiosidade fundante na criação das bonecas. “Quero que minhas bonecas sejam instrumento de semear a lembrança da nossa capacidade de expressar nobreza, beleza, simplicidade, felicidade...”. E os dois Ts? São dois os motivos, “Primeiro, porque, quando comecei o projeto, era um sonho poder incluir minha terceira filha (aquela do congestionamento) como parceira. Nós duas, duas agulhas ligadas no mesmo fio, o fio da vida.” Mas os filhos tomam seus próprios caminhos e, então, Maria Zi decidiu manter os dois Ts nas Bendittas. “Até mesmo para me lembrar que é pouco provável que eu possa costurar um mundo melhor, sozinha”.

As bonecas brasileiras surgiram de outra provocação. Convidada a participar de um workshop com o design italiano Giullio Vinaccia, patrocinado pelo Sebrae, ela enfrentou um desafio: para ser selecionada, precisava convencer o professor da qualidade do trabalho. O italiano sugeriu a ela que fizesse uma boneca candanga e indicou uma personagem do Calango Voador. Laiá.

Aprovada. E, depois disso Maria Zi fez uma candanga da construção de Brasília (“Fiz a mala, mas não consegui fazer a sombrinha”), uma coletora de flores do cerrado e uma bordadeira de Planaltina. Quer fazer outras (Por que não uma prostituta da Cidade Livre? Vestiam-se à moda dos anos 1950, saias acinturadas e rodadas, lenços nos canelos, saltos de bico fino e batons vermelhos).

Mídias

Entrevista Maria Zi - Programa Sem Censura TV Brasil



Link - <https://youtu.be/diKm5Tqxm4>

Mídias

Artesã do DF tenta manter tradição de bonecas de pano- TV Brasil



Link - <https://youtu.be/GZe6hq7NR9s>

Mídias

Artesanato de Maria Zi: um “trabalho devocional”

Ela nasceu na cidade de Formiga e foi criada em Diamantina, em Minas Gerais. Mas é em Brasília, onde mora desde 1993, que começou a desenvolver o seu grande projeto de vida — a criação da casa Bendittas, atelier de bonecas de pano. “Eu me apeguei à cidade. Gosto daqui e das pessoas que me cercam. Brasília me recebeu muito bem e aqui pude desenvolver a minha arte, entre retalhos, cantigas e histórias”, afirma.

O trabalho deu tão certo que a marca Bendittas Bonecas fechou uma parceria com a Embaixada do Brasil, em Berlim, na Alemanha, para expor e comercializar as bonecas no segundo semestre deste ano.

A oficina de trabalho de Maria Zi, na Asa Norte, é como uma sala de costuras, com recortes de tecidos, cheio de lãs, botões, linhas e máquina de costura. Filha de costureira e alfaiate, ela não se considera uma grande mestra da costura.

Formada em comunicação social, Maria Amaziles Rocha Lopes, ou simplesmente Maria Zi, é escritora e artesã. Começou a confeccionar bonecas de pano em “um trabalho devocional”.

A cada uma, tento me aproximar o máximo possível da anatomia feminina sem estereótipos”.

Segundo ela, a intenção é levar uma mensagem de amor para cada pessoa que adquire a boneca. “Criar arte em tecido é uma das maneiras mais divertidas que descobri para semear beleza à minha volta. Aprendi muitas técnicas com minha mãe, Dona Sinhá que, por sua vez, as aprendeu com minha vó Zizi, num encadeamento de cumplicidade e beleza que se perde nos registros da nossa história”, acrescenta.

No portfólio da artista, destacam-se as bonecas Fridas, as Pretas Velhas, as Sábias e as criadas para o São Paulo Fashion Week, em um tributo a grandes personagens da história da moda. “Fiz a Chanel, vestida com um tailleur símbolo da década de 1940; a Viviane Westwood, com uma camiseta de um movimento ambiental; e a Mary Quant, de minissaia para este evento. Pesquisei cada particularidade destas personagens para produzir as roupas”, esclarece.

Link: <https://www.profissionalizadf.com/single-post/2017/05/01/Artes%C3%A3os-Brasilienses-ganham-o-mundo->

Bonecas feitas com amor

Ela nasceu na cidade de Formiga e foi criada em Diamantina, em Minas Gerais. Mas é em Brasília, onde mora desde 1993, que começou a desenvolver o seu grande projeto de vida — a criação da casa Bendittas, atelier de bonecas de pano. “Eu me apeguei à cidade. Gosto daqui e das pessoas que me cercam. Brasília me recebeu muito bem e aqui pude desenvolver a minha arte, entre retalhos, cantigas e histórias”, afirma.

O trabalho deu tão certo que a marca Bendittas Bonecas fechou uma parceria com a Embaixada do Brasil, em Berlim, na Alemanha, para expor e comercializar as bonecas no segundo semestre deste ano.

A oficina de trabalho de Maria Zi, na Asa Norte, é como uma sala de costuras, com recortes de tecidos, cheio de lãs, botões, linhas e máquina de costura. Filha de costureira e alfaiate, ela não se considera uma grande mestra da costura.

Formada em comunicação social, Maria Amaziles Rocha Lopes, ou simplesmente Maria Zi, é escritora e artesã.

Começou a confeccionar bonecas de pano em “um trabalho devocional”. A cada uma, tento me aproximar o máximo possível da anatomia feminina sem estereótipos”.

Segundo ela, a intenção é levar uma mensagem de amor para cada pessoa que adquire a boneca. “Criar arte em tecido é uma das maneiras mais divertidas que descobri para semear beleza à minha volta. Aprendi muitas técnicas com minha mãe, Dona Sinhá que, por sua vez, as aprendeu com minha vó Zizi, num encadeamento de cumplicidade e beleza que se perde nos registros da nossa história”, acrescenta.

No portfólio da artista, destacam-se as bonecas Fridas, as Pretas Velhas, as Sábias e as criadas para o São Paulo Fashion Week, em um tributo a grandes personagens da história da moda. “Fiz a Chanel, vestida com um tailleur símbolo da década de 1940; a Viviane Westwood, com uma camiseta de um movimento ambiental; e a Mary Quant, de minissaia para este evento. Pesquisei cada particularidade destas personagens para produzir as roupas”, esclarece.



Artesanato de Maria Zi: um “trabalho devocional”



360 GRAUS

Jane Godoy • janegodoy.df@dabr.com.br

Protegida pelas montanhas de Minas

NA CIDADE DE FORMIGA, em Minas Gerais, nasceu Maria Amaziles Rocha Lopes. "composto do nome das duas avós". Uma delas, "vovó Amaziles, era conhecida como Dona Zizi. Na condição de neta sou, desde sempre, a Zi" conta. "Por isso, somei meu nome civil com a referência familiar, com a proposta de manter viva e honrar a criação em mim" confessa a artesã Maria Zi. Filha de um alfaiate e de uma costureira, Maria Zi foi educada nos rigores da tradição mineira. "Minha mãe foi uma pessoa de muitas habilidades manuais e conseguiu me ensinar várias delas. Minha infância e adolescência aconteceram protegidas pelas montanhas mineiras, entre livros, muitos livros, bordados, costura e música."

ARQUIVO PESSOAL



A arte lhe curtiu nas veias

"Desde sempre pude contar com a nutrição da arte" orgulha-se Maria Zi. Com uma saúde latente, ela parece reviver tudo, ao relembrar que "meus pais foram leitores apaixonados e várias pessoas da família estudaram música". Por isso, o fato de ela começar a produzir eventos culturais foi natural. Em Brasília desde 1993, "trazida por desafios profissionais, como a produção cultural", antes Maria Zi se formou em letras e comunicação na Universidade Federal de Minas Gerais. Há 10 anos, ela coordenou um círculo de mulheres em Pirenópolis, "o que voltou o meu olhar para o compromisso de honrar o aprendizado recebido de meus pais e avós, ao tempo em que poderia semear valores positivos, inspirações para a vida."

O nascimento das Bendittas

O que ela chama de "bonecas autorais" a artesã autodidata pes-

"Minha infância e adolescência aconteceram protegidas pelas montanhas mineiras, entre livros, muitos livros, bordados, costura e música"

1993

Ano em que chegou a Brasília

quisou muito, valorizou e cultivou "a troca de saberes" e passou a praticar a meditação com regularidade, "pois é a base da minha criação". Esse trabalho, segundo ela, "ultrapassou os limites de uma profissão, adquirindo o status de um sentido para a vida. Sempre acreditei que minha vida profissional estaria, de alguma forma, ligada a valores humanísticos. Entretanto, a história das Bendittas foi uma surpresa na minha vida. Quando eu acreditava que estaria encerrada a minha carreira profissional, que me dedicaria somente ao cultivo de um hobby predileto, as Bendittas invadiram meu coração, trazendo um desafio após o outro, inclusive me inspirando em conto de fadas para todas as idades: *F de Fio, F de Fada*, lançado no final de 2016."

Uma criação vale

A criação e o desenvolvimento dos projetos de Maria Zi acontecem sozinhas. As bonecas foram batizadas de Bendittas porque a proposta era criar bonecas para semear valores positivos, "sempre bendizendo o que é bom, belo e justo" revela. Ela se esforça para ter peças para pronta entrega, mas nem sempre tem agenda para atender a uma encomenda de última hora. Surgiram os colecionadores das Bendittas, "que parecem conviver com isso pois, em geral, me concedem uma antecedência generosa, para que eu cumpra minha tarefa". A parte estrutural das bonecas é feita em tecido de algodão e fibra siliconada, anti-alérgica, mas a artesã confessa que está sempre à cata de tecidos especiais, lãs processadas artesanalmente, pedrarias, acessórios incomuns. "Para garantir que cada boneca criada seja única de fato."

Ganhamos o mundo

Encontradas em Brasília no ateliê da artesã e na Celso Albano — Artes e Antiguidades —, elas estão em Belo Horizonte, em São Paulo e, frequentemente, são enviadas para o exterior, atingindo a marca, atualmente, de 11 países. Em 2015, foi a única empresa de Brasília convidada para participar da São Paulo Fashion Week. "Em setembro deste ano tive a alegria de atender ao convite da Embaixada Brasileira em Berlim realizando a primeira mostra individual internacional das Bendittas. Isso aconteceu em 7 de setembro, proporcionando à minha arte o contato com um público de elevado espírito crítico, cujo aplauso muito revigorou a minha decisão de seguir criando peças ligadas à iconografia brasileira."

Galeria





Benditta é arte do Brasil

SITE:

WWW.BENDITTA.COM.BR

FACEBOOK:

[BENDITTA.ARTEEMPANO](https://www.facebook.com/BENDITTA.ARTEEMPANO)

TELEFONE/

+ 55 61 98104 - 1958

ENDEREÇO

CLN 213, BLOCO B, SALA
209

ASA NORTE

BRASÍLIA - DF

70872-520

BRASIL

FOTOGRAFIA/

MAITÊ LOPES FOTOGRAFIA

GILBERTO VILELA DE
REZENDE

ARTE DA CAPAJ. RAFAEL
CORREA LIMA

DIAGRAMAÇÃO

GIZELLY GLEISE

Marie Zi-